

HELENA PEREIRA DA SILVA OHASHI

Roberto Goto*

Penso que foi em 1963 que ela apareceu na casa em que morávamos, num bairro chamado Jardim Guanabara, Campinas, SP. A memória bastante vaga que retenho daquele tempo só me permite associar o acontecido a uma aparição. Moleque de 9 anos, entretido com coisas de menino, nada sabendo das relações e coincidências que a levaram até nossa casa – e se alguma vez delas soube, eu as esqueci completamente –, lembro-me dela como de alguém que surge do nada, ou seja, “simplesmente” aparece.

A imagem que projeto (ou invento?) através mesmo das fumaças dessa memória é a de um dia claro, provavelmente um domingo ensolarado. Ela é uma mulher alta e magra, de cabelos grisalhos, elegante no porte e no traje, e que sorri. É um sorriso que cativa, mas verdadeiro objeto de encanto para meus pais – e de surpresa para mim – é seu gestual, sobretudo sua fala: ela nos cumprimenta curvando-se levemente, à maneira dos japoneses, e profere, de forma franca e cristalina, palavras em língua japonesa – palavras com que vai entremear, não sem alegria, o diálogo subsequente em que falará de sua vida, sua arte, seu marido japonês, o tempo que viveu no Japão.

Meus pais a ouvem com uma satisfação, justamente encantada, desdobrando-se em cortesia para retribuir essa gentileza tão rara, absolutamente inusitada, da mulher de tez clara e gestos finos, artista além do mais, que se digna a conversar com eles em japonês, numa espécie de camaradagem cordial, compartilhando sua memória feliz da época que passou ao lado do marido nipônico.

Não sei se permaneço na sala de visitas. O mais plausível é que, depois de ouvir alguns minutos de conversação, eu afunde, bicho caipira, até a cozinha ou o quintal, acompanhando só com os olhos o movimento de minha mãe em busca de refrescos e quitutes japoneses que ao mesmo tempo homenageem e reforcem na ilustre e sensível visitante a lembrança da vida no Japão.

Talvez numa dessas idas e vindas minha mãe já reporte a informação de que nossa visitante é nada menos que a filha de um famoso e ilustre pintor brasileiro chamado Oscar Pereira da Silva. Esse dado muito importante nós, filhos e crianças, repetiremos outras tantas vezes tendo por motivo e pretexto uma bandeja de latão esmaltado em que ia estampada uma reprodução do quadro *Primeira Missa*.

E se aquela reprodução não dispunha da aura no sentido benjaminiano, era sempre com certo orgulho e não sem algum estranhamento que eu a contemplava. Associando-a às lições de História do Brasil da professora primária – a cujo espírito apologético e reverencial ela se adequava perfeitamente – e ao mesmo tempo à presença circunstancial de uma descendente direta do artista, o quadro ganhava aos meus olhos, quase que imperceptivelmente (o que um menino de nove anos, rústico como eu,

* Doutor em Letras, área de Teoria Literária – IEL/UNICAMP.

poderia perceber das sutilezas e finuras da percepção?), um aspecto de coisa simultaneamente próxima e distante, algo bastante doméstico e ao mesmo tempo cheio de prestígio. Eu estava diante da representação de um dos atos fundadores do país, que se aproximava de mim por meio de um utensílio de copa e cozinha e no entanto tudo aquilo vinha envolto numa espécie de aura, transmitida desde o reino dos mortos célebres pelo pintor brasileiro cuja filha nos visitava.

Esse era o outro componente das visitas de Dona Helena – como passamos a chamá-la, mesmo quando era referida na terceira pessoa, num misto de reverência e familiaridade. Além do encanto produzido por suas memórias japonesas, por suas palavras e frases em japonês, o fato de manter um relacionamento amistoso e cordial conosco era motivo de honra para meus pais, uma distinção a que procuravam corresponder com igual deferência. Tão ou mais importante que a menção ao marido japonês, o pintor Riokai Ohashi, era para minha mãe, cultora de haicais e admiradora da pintura dita acadêmica, a lembrança de que Dona Helena era a filha do renomado Oscar Pereira da Silva. Não sei se por causa dessa ênfase – talvez, afinal, mais minha que propriamente de minha mãe –, evitei ou custei a compreender a dimensão humana, algo melancólica, que a filha pintora, em seu livro autobiográfico, acaba atribuindo ao pai.

Quanto ao marido japonês, cuja memória tinha sempre de deixar alguma marca nas conversações, os comentários de minha mãe (era invariavelmente por ela que eu tomava conhecimento da história), misturando o relato de sua morte com a narração de episódios da guerra, me fizeram imaginar durante um bom tempo que ele havia morrido em virtude de um estilhaço de granada que teria se alojado em seu cérebro – equívoco desfeito quando li a autobiografia da visitante distinta.

O livro de Helena foi publicado postumamente por sua irmã, Margarida Pereira da Silva Rangel, que, ao fazê-lo com recursos dotados ao que parece em testamento, cumpria uma vontade expressa da falecida. Foi, se me lembro corretamente, o que nos explicou Dona Margarida na visita que nos fez (morávamos então em outra casa, no bairro Novo Botafogo) para entregar-nos dois ou três exemplares da obra. Deve ter sido, a visita, em março de 1969, conforme indica a dedicatória: “Ao Sr. Goto e Exma. Snr^a D^a Rosa, carinhosamente dedico, em nome de minha falecida irmã Helena, o livro de sua autoria: *Minha vida*. / Margarida Pereira da Silva Rangel/ São Paulo, 8-3-1969”.

“Dona Rosa” era o nome que minha mãe, na verdade chamada Ayako, recebera de amigas brasileiras, fora do círculo de suas amizades estritamente nipônicas, desde o tempo em que vivera na Fazenda Monte d’Este).

O livro, 61 páginas e medindo 32 por 23,3cm, é impresso em papel-cartão; as folhas não são encadernadas, mas grampeadas e perfuradas em quatro pontos nas laterais esquerdas, através dos quais são amarradas por dois laços de cor verde. A capa é encimada pelo nome da autora, abaixo do qual vai o título desenhado em caracteres caligráficos; na parte inferior direita, a indicação “Brasil-Paris-Japão”.

A ilustração da capa é uma reprodução em cores de um auto-retrato da autora, a cabeça levemente pendida, em diagonal, fitando-nos algo pateticamente com pupilas que são manchas escuras sobre um pequeno fundo branco; o nariz um pouco adunco avulta no rosto em que predominam os tons vermelhos; a testa é ampla e a boca se entreabre num meio-sorriso triste.

Outras três reproduções de trabalhos da pintora distribuem-se pelo volume, protegidas por folhas de papel-manteiga: na página 7, uma natureza morta (um cesto de flores); na página 15, um bosque de troncos e frondes difusos (certamente a entrada da floresta de Ville d’Avray, mencionada na página 19); na página 25, um navio a vapor, provavelmente japonês, do início do século.

Confeccionado nas oficinas da Indústria Gráfica Saraiva em dezembro de 1968, *Minha vida* divide-se em duas partes: “Minha infância”, da página 3 a 22; “Recordações”, da página 23 até o final. Esta subdivide-se, a partir da página 44, nos seguintes títulos, que dão o roteiro das viagens da pintora após a perda do marido (quase todas com o objetivo de divulgar a obra de Riokai Ohashi): “Changai”, “Em trânsito para Singapura”, “Singapura”, “Penang”, “Durban”, “Port Elisabeth”, “Buenos Aires”, “Brasil”, “Chegada ao Rio”, “São Paulo”, “São Paulo, 1950”, “Exposição de Riokai – São Paulo, 1955”, “Embarque no *Augustus*, 1952”, “Paris”, “Veneza”, “Campinas”.

Para dar ao leitor uma idéia o menos restrita possível da autobiografia de Helena Pereira da Silva Ohashi, decido, no lugar de selecionar um único trecho do livro, escolher e recortar dele alguns fragmentos.

MINHA VIDA

[Uma menina chamada Helena]

Chamava-se Helena a menina frágil, de franjinha sobre a testa, cabelos lisos e compridos, segurando seu pai pela mão. Iam dar um passeio pela Avenida Paulista, não longe de sua casa. Seu coração estava tão feliz, que guardou por muito tempo a lembrança. Sua mãe, dona Júlia, não gostava de sair de casa; seu pai, aos domingos tinha-lhe dó e dizia, "coitada, sempre sozinha": seu mundo era a casa, o jardim, o gato e o cachorro.

Helena não gostava de brinquedos nem de bonecas. Lá ia "seu" Oscar com os grandes olhos e cabelos pretos, fartos bigodes retorcidos, sempre com uma expressão triste e resignada. Helena adorava o pai; também era raro negar-lhe alguma coisa. Em frente ao Parque Paulista, havia um quiosquezinho, onde um alemão vendia cerveja e limonada – sentávamo-nos nas cadeiras e víamos a cidade ao longe. "Seu" Oscar era de pouca fala.

Voltava-se lentamente pelo mesmo caminho: ninguém pela avenida deserta, passava-se diante dos ricos palacetes, entrava-se pela rua Frei Caneca, atravessando os campos de barba-de-bode e cupinzeiros. Eu ia arrancando tudo o que era florzinha, para levar a minha mãe. Ela muitas vezes me contava que meu primeiro sorriso foi para uma rosa, uma rosa impressa no papel que forrava o quarto. Dona Júlia era francesa de Bordeaux, seus olhos verdes e seu cabelo preto davam-lhe caráter, era expansiva e alegre, gostava de música e tinha boa voz.

Eu rabiscava desde a mais tenra idade. Aos cinco anos já desenhava figuras de perfil, com olhos de frente; meu pai achava graça nesses desenhos primitivos e dizia: "um dia serás pintora".

Recebíamos poucas visitas: meus pais eram muito retraídos. A família do lado paterno habitava o Rio e a do lado materno, a França. Fui filha única durante muitos anos. No casarão que habitávamos à rua Augusta, 159, a vida não era divertida.

Helena era uma criança tímida e anêmica, com seus grandes olhos escuros, fartas sobrancelhas unidas na testa como as de seu pai; morena e feia de traços. Dona Júlia não queria que brincasse com outras crianças, dizia ela para não adquirir maus costumes; meu pai detestava barulho: gritos, pulos, correrias. Ele era calmo e pouco expansivo e minha imaginação tinha que arranjar meios de se distrair. O jardim constituía o meu campo de ação, vendo flores, insetos, brincando com o gato.

Helena adoecia facilmente: toda febre subia alta: logo lhe era ministrado o célebre remédio da época, calomelano, droga que produzia verdadeiros malefícios para o corpo e principalmente para os dentes. Ficava, às vezes, dois dias sem beber uma gota d'água para que o remédio fizesse efeito.

(p.3)

[Primeira viagem à França]

Os motivos de conversa entre os pais de Helena não variavam, giravam, sempre, sobre projetada viagem à França. Nessa viagem tencionavam ver a Exposição Universal e visitar os pais de dona Júlia. Helena conheceria, então, seus avós, que moravam em Dax, perto de Bordeaux, onde dona Júlia tinha nascido. Rever a França, que maravilha! – “Seu” Oscar não perderia um minuto: iria a Paris ver a exposição; revigorar seus sonhos de arte e realizar novos trabalhos. Dona Júlia e Helena poderiam ficar com seus pais mas para isso precisava-se resolver vários problemas. A casa era um estorvo a esses projetos: mobiliada com gosto, a maioria das coisas vindas da França, tapetes, cortinas, roupas de cama e mesa, todas em fino linho, porcelanas, cristais. como deixar essas coisas?...

Procuraram alugar a casa a pessoas de trato: apareceram vários pretendentes, mas o que mais agradou a dona Júlia foi um médico, Dr. Correa, que morava com uma velha governanta. Prometeu ele tudo o que os pais de Helena desejavam, trato rigoroso de tudo, inclusive do cachorro, dos peixinhos, e do belo jardim. O aluguel era elevado. Os aluguéis deveriam ser depositados no banco, todos os meses, e a entrega da casa na volta do sr. Oscar. Esse foi, então, o inquilino preferido.

“Seu” Oscar andava falando e dando ordens, tinha-se quebrado a quietude habitual. Um dia chegou dizendo “comprei hoje as viagens no navio francês *La Bretagne*. U'a madrugada Helena foi sacudida do sono pela sua mãe, “anda depressa, precisa-se ainda tomar café e vestir”, todas as malas já estavam na porta, veio um carro nos procurar e nos levou à Estação da Luz. Depois de atravessar Santos, sujo e quente, estávamos embarcados no *Bretagne*, velho cargueiro, movido metade a carvão e metade a velas. Foi transformado em navio de passageiros dada a grande escassez de navios.

O primeiro porto foi o Rio de Janeiro, ficou aí uns dias, o que deu aos pais de Helena a ocasião de visitar a família. Foi uma impressão que Helena nunca iria esquecer, quando entrou na modesta casa de seu avô. Num dos quartos, um homem de barbas brancas, velho, doente, estava entevado numa cama, sem poder se mexer, todo paralisado, queria falar, não podia, as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Todos choravam; era o padraсто de “seu “ Oscar, homem bom e que meu pai estimava; muito o entristeceu vê-lo nesse estado. Helena recebeu muitos mimos de suas tias e conheceu seus primos. De novo o *Bretagne* levantou âncora rumo à França, levou

um mês para chegar até Marselha, ficamos uns dias nessa cidade para seguir a Dax. Helena ia conhecer seus avós maternos.

Foi grande a alegria: todos fizeram muitos mimos à netinha do Brasil. Dona Júlia não foi visitar sua irmã Maria Louise, estavam de mal há muitos anos. A avó era baixa e gorda, chorava com frequência. Um ano se passou bem depressa, o inverno já estava se aproximando, o frio, os dias curtos e meus pais resolveram voltar. Helena, que se lembrou tanto da viagem de ida, pouco ou nada reteve da volta.

No Rio, ficamos uns dias; o padrasto de "seu" Oscar tinha falecido e minha avó achava-se sozinha e sem recursos. Dona Júlia, que tinha bom coração, convidou-a a vir morar em São Paulo conosco, o que ela aceitou. Os pais de Helena estavam bem apreensivos a respeito da casa pois o inquilino não escrevera uma linha sequer. No banco, nada havia depositado. Foi grande a amarga decepção quando viram a casa toda fechada; da rua viam-se os capins crescidos que invadiram o jardim e o pomar; foi preciso pular o muro e arrombar a porta. Dentro, tudo estragado e vazio. Vieram a saber que ele logo vendera os móveis e tudo o que haviam deixado, em seguida tinha alugado a casa e recebido os aluguéis. Ninguém sabia de seu paradeiro. Um ladrão, esse dr. Correa! Foi-se morar na casa suja e vazia. "Seu" Oscar não tinha dinheiro, foi preciso comprar tudo de novo. Dona Balbina de Jesus estava longe de compreender os sofrimentos de seu filho e de dona Júlia: ela queria viver sua vida como tinha sempre vivido. Logo dona Júlia começou a pensar na tolice que cometera em convidar sua sogra a morar junto. Dona Balbina guardava ainda os costumes das Sinhás, filhas de fazendeiros, que tinham escravos para tudo, como criação. Preferia viver no desleixo a limpar seu quarto; a asma de que era atingida fazia muitos anos não lhe tirava o gosto da vida. Durante o dia lia romances; fumava, com uma escarradeira ao lado e esperava o doceiro passar, comprava pela janela de seu quarto cocadas e doces que comia com café e queijo.

A mãe de Helena, que tinha tido uma educação e costumes tão diferentes, não se conformava com os caprichos de sua sogra. E dona Balbina, um dia, foi levada à estação, para ficar com suas filhas no Rio de Janeiro – foi a melhor solução que acharam.

(p.3-4)

[Primeira Comunhão]

Apesar de terem nascido católicos, meus pais não eram crentes nem praticantes. "Seu" Oscar sempre se dizia livre-pensador: minha mãe ia à missa uma vez por ano no Domingo da Páscoa. Os cantos enchiam-lhe a alma de emoção. Dona Mariquinha Paim, uma das raras amigas de minha mãe, muito devota, de cara redonda, óculos, cabelos puxados e sorriso beatífico, sempre de preto, com sua capa cheia de babados, segundo meu pai, era, de longe, um padre perfeito. Ela sempre dizia, sorrindo: "coitado de 'seu' Oscar, tão acanhado, tão modesto". Meu pai a

detestava. A visita foi para pedir a dona Júlia que deixassem Helena fazer a primeira comunhão na Igreja do Espírito Santo, que ficava num morro, atrás de nossa casa. Sinhá, a filha dela, que tinha a mesma idade que eu, também ia cumprir esse dever religioso; minha mãe consentiu e eu ia ao catecismo com a criançada do bairro, aprender os mandamentos da lei de Deus. Nada compreendia de semelhantes histórias.

No dia da festa, estava feliz ao me ver toda de branco, com saia comprida, véu, a grinalda; minha mãe me beijou com lágrimas nos olhos. Meus pais se vestiram bem, fomos os quatro, minha irmã Margarida, linda como uma boneca, de touca de gaze e vestidinho de seda branca. À tarde fomos fazer visitas e no fotógrafo Wolsac, para perpetuar a lembrança desse dia, parou na nossa porta um belo carro cupê todo forrado de cetim, puxado por dois cavalos brancos.

(p. 5-6)

[Desenhos e leituras]

Meus pais venderam a casa da rua Augusta e fomos temporariamente morar na rua Barão de Iguape, numa pequena casa nova. Foi preciso vender quase todos os móveis, para poderem caber. Nessa casa, há alguns anos meu pai era professor do Ginásio do Estado: ele sempre se queixava da lonjura da rua Augusta; pois tinha que tomar duas conduções. O ginásio ficava em frente à Estação da Luz. A nova casa que estavam construindo na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio ficava num terreno fundo de alguns metros, até chegar ao nível da rua. Tinha dois andares. Meu pai fazia grandes quadros sobre a História do Brasil e trazia do Instituto Histórico documentos e livros. A vida de Anchieta muito influenciou no meu espírito e uma espécie de misticismo me invadiu; começava a achar os sacrifícios belos e o sofrimento uma chama a se oferecer a Deus...

Minha mãe tinha caído em profunda neurastenia; nada mais a interessava e as idéias as mais lúgubres tinham-se apoderado dela. Meu pai vivia ocupadíssimo; Ginásio, retratos, quadros, decorações. Andava ríspido e de mau humor. Eu freqüentava o Externato São José. Sempre fraca, pálida, estava me transformando numa meninota: minha única amiga era minha irmã. Apesar de ser muito mais velha, brincava com ela. Instalados na nova casa, comecei a me interessar seriamente pelos conselhos de meu pai: foi o início definitivo de meu gosto pela arte. Comecei a empenhar toda a minha paciência em copiar os modelos que meu pai me dava; num ano fiz consideráveis progressos. Com dezesseis anos copiava na perfeição os modelos os mais difíceis, de pasmar meu pai; ficava o dia todo desenhando com diversos lápis, miolo de pão. Meu pai mandava enquadrar os melhores, o que muito me lisonjeava.

(...) Em casa não havia livros; meu pai comprou depois uma rica coleção de cinco livros de arte: eram reproduções em cores de quadros de artistas de renome.

os guardiões alugavam, fiz um pequeno croquis para depois passar em grande, *Le portrait de madame Vestier*, toda vestida de cetim e rendas, *La Melancolie* de Fragonard.

(...)

Dia 23 de novembro nasceu mais uma irmãzinha e no dia 30 desse mesmo mês, minha mãe morria. Para completar a tristeza, caía a neve que eu via pela primeira vez. Foi um horrível golpe me ver face a face com a morte; eu era sensível e amorosa e como não conhecia mais ninguém, tinha-lhe excessiva amizade. (...) Eu e Margarida já estávamos com coqueluche quando fomos ao enterro de dona Júlia em Dax, onde já estavam seus pais enterrados. Lá tinha uns parentes, que apareceram, foi um enterro de gala, o padre na frente cantando pela estrada do ponto final. A recém-nascida ficou com uma ama, que a levou a sua casa para a criar numa aldeia perto do Guillancourt.

(...)

Conseguí entrar na Escola de Belas Artes, no curso de Hebert; aí fiquei uns meses tudo fazendo para progredir; ali havia alunos bem traquejados, que desenhavam e pintavam admiravelmente bem.

(p. 9-10 e 12)

[França-Brasil-França]

Um dia, ouvimos na cidade que a França e a Alemanha estavam em guerra; mas diziam: "isso não pode durar mais que uma semana" - apenas durou cinco anos. (...) Eu estava certa, como milhares de franceses, que isso ia logo terminar com a vitória da França. As poucas cartas que recebia de meu pai eram ordens para voltar, mandou-me mil francos para a viagem, mas não fui, esperando que acabasse a guerra, o que muito o contrariou; começando a ver que ia essa guerra durar muito tempo, pedi mais mil francos a meu pai que me mandou, dizendo que desta vez me abandonaria se não viesse. Embarquei então em Bordeaux num vapor francês, perseguido até Pernambuco por submarinos alemães. Em Santos, meu pai me esperava no cais, me trouxe para casa, onde me apresentou à sua nova esposa, filha e irmã; Margarida estava com elas. Vi logo que não passavam de umas aventureiras e fiquei detestando-as. Margarida tinha crescido demais mas estava ali sem freqüentar a escola e sem nada aprender; tinham-lhe enchido tanto a cabeça a meu respeito, que ela tinha medo de mim e fugia quando me via. (...)

Durante esse tempo, para fugir a um presente tão ingrato, comecei a estudar seriamente o piano, me preparei e no ano seguinte, fiz exame no conservatório, entrando no quinto ano, com o professor Wancolle, o melhor e de mais nome em São Paulo. Meu pai separou-se das aventureiras com quem vivia e fomos passar uns tempos na rua do Teatro; foi preciso intermédio do Juiz e de advogado para tirar Margarida, elas não queriam largar tão boa presa! (...)

(...)

Em 1818, meu pai casou-se de novo, com uma moça da família Escobar; não devia durar muito essa união, que só levou três meses, vindo ela a falecer.

Esse desastre ia-lhe ser salutar, seu caráter modificou-se para mais normal.

Um dia veio visitar meu pai um pintor alemão, que estava terminando sua exposição de pintura numa sala da rua Direita, oferecendo esse local, que ia ficar vago. Meu pai me disse, "se eu tivesse dinheiro você poderia fazer uma exposição de seus quadros"; mais que depressa eu lhe disse que tinha economias e que podia fazer. Em janeiro de 1919, abri minha primeira exposição, minhas telas eram de técnicas bem diferentes, natureza morta, feitas antes de ir a Paris e meus últimos estudos feitos com fatura mais larga, os motivos também eram dos mais variados. (...) Tenho ainda um artigo de Monteiro Lobato, sobre a mostra que fiz; ele estava nesse tempo escrevendo na *Revista do Brasil*.

(...)

Um dia meu pai me disse, "se você quiser ir a Paris para terminar seus estudos de pintura, que ficaram interrompidos, vocês podem ir"; creio que arranhou esse meio para se livrar da nova vida que estávamos levando. Em junho de 1920 embarcávamos no velho vapor inglês *Andes* para a França; depois de uma viagem de trem de cinco horas, de Cherbourg a Paris, vendo a paisagem desbotada da Normandia, apareceu Paris, cor de cinza em todos os tons escuros, fumaça e céu embaçado. (...) Eu estava contente de me achar de novo nessa grande capital e de mostrar Paris a Margarida, que parecia estar decepcionada. (...)

Margarida já estava com o diploma da Escola Normal de Música, tocava de cor os belos e difíceis concertos de Bach, Mozart, Mendelssohn; a outra irmã tinha progredido no violoncelo, tocávamos belos trios. (...) Em junho de 1925, Margarida deu seu primeiro concerto na sala Gaveau com um belo programa, teve bastante sucesso.

Eu estava com uma coleção de trabalhos; resolvemos visitar meu pai, já fazia cinco anos que não o víamos e também mostrar o que tínhamos feito. Meu pai e seu compadre sr. Azevedo vieram nos buscar em Santos depois de uma viagem de vinte dias no *Bage*. Ficamos conversando uns dias sobre Paris, nossos estudos e do que se fazia em Paris acerca de pintura e arte. Achei meu pai bem modificado, já não era mais autoritário e briguento como antes. (...)

(...)

Depois de muito esperar meu pai arranhou para fazer minha exposição no Grande Salão do Club Comercial, à rua São Bento, 1º andar. Tinha trazido bons trabalhos, tudo o que eu tinha exposto no Salão de Paris de "Femmes peintres et sculpteurs", interiores do museu do Louvre. (...)

(...)

Minha exposição terminada, queríamos voltar à França; Margarida seguiu antes; eu tive a má idéia de fazer uma exposição em Recife. (...) Fiquei um mês com

a exposição aberta; não vendi uma só tela. A mulher em Pernambuco era muito atrasada, as moças só saíam acompanhadas de família, as mulheres que se aventuravam sós eram mal vistas. (...)

Estava feliz de embarcar no grande transatlântico holandês, todo branco, que ia me levar à França e de me encontrar de novo com minhas duas irmãs Margarida e Judith, que vieram me esperar no cais da Gare St. Lazare. (...)

Em outubro de 1927, minha irmã Margarida casou-se com um dos rapazes que freqüentavam a casa de meu pai, o Rêgo Rangel, agora vice-cônsul do Consulado do Brasil em Marselha.

(p. 12-14, 17-18)

[Um rapaz japonês]

Chegando a Paris fui de novo à Grand Chaumière; o inverno era rijo esse ano, lá era bem aquecido e tinha belos modelos. Ao meu lado instalou-se um rapaz japonês, com uma grande tela, sorria, não sabia falar francês; no repouso entabulamos conversações por meio do dicionário, um livro grande que ele trazia no bolso e lhe dava com sua roupa preta uma vaga idéia de Pastor; levava muito tempo a achar uma palavra, e nisso a pose recomeçava... No fim da semana disse-me ele que não vinha mais, que iria pintar paisagem; então pedi a ele uns selos de sua terra.

O tempo foi passando e eis que um dia ele aparece em casa. Uns meses depois éramos bons amigos; conversávamos por meio do dicionário. Ele era calmo, de traços regulares, com sua palidez oriental, tinha um sorriso bom e encantador, mostrando uma fileira de sadios e belos dentes; lhe davam caráter fartas sobrancelhas e vasta cabeleira. Começamos a ir pintar juntos – ele trabalhava muito bem, já era um artista feito, veio a Paris não para estudar mas para se aperfeiçoar em arte, visitando museus, galerias, e expor no salão; gostava de arte moderna. Quando o conheci estava morando em Bourg-la-Reine – tinha alugado um quarto na casa de uma família de tintureiros. (...)

Bourg-la-Reine era lindo só na primavera com suas macieiras em flor, e seus tenros verdes; fomos pintar muitas vezes. Foi ele que modificou minha maneira de ver, levando-me a exposições retrospectivas, galerias de exposições individuais: Lautrec, Cézanne, Utrillo, Pissaro, G. Valladon. Riokai pintava magistralmente as velhas ruas de Paris e seus bairros populares, expunha no Salão de Outono sempre bem colocado, os jornais de arte falavam nos seus envios e na sua personalidade. Não media sacrifícios, no inverno rijo saía a pintar com grandes telas, voltava exausto mas contente por trazer uma bela tela. Falava sempre de Bonnard, Gaughin, Van Gogh: eu pouco entendia de arte moderna, que, nessa época, se expandia cada vez mais.

Yvone Carro ficou sendo uma excelente amiga e colega; seu lindo rosto exprimia bondade; seus olhos azuis e seu sorriso encantavam a todos que a

conheciam; tudo nela era simpatia. Ela era uma talentosa pintora de flores e interiores, nos quais sempre punha uma figurinha romântica para dar vida ao ambiente. Pintava ao gosto dos *Artistes Français*. Foi ela que me encorajou a enviar a esse salão, e me aconselhou a fazer grandes telas: dizia sempre que eu tinha tanto talento, colorido vibrante, que devia mandar. Foi comigo a primeira vez levar duas telas à secretaria do salão, achou que eu devia levar umas telas aos Mestres que recebiam uma vez por mês para saber qual a opinião que tinham sobre meus trabalhos. Esses professores moravam em Neuilly, Passy, Étoile, ficavam bem longe do bairro pobre e *petit bourgeois* onde morávamos. Na volta ela estava radiante – “Não disse? Eles acharam que tem muito talento e que deve enviar”. Quando recebi o aviso “aceito”, chorava de alegria e emoção. Em março de 1929, meu coração batia quando entrei mostrando a carta d'*Exposant*, nesse *vernissage* que é um dos grandes acontecimentos do ano: toda a Paris intelectual, artistas, os grandes nomes da arte ali estavam; Paris *chic*, vi o presidente Dumergue, Yvone Carro me apresentou a muitos pintores de nome que ela conhecia, passamos para ver nossos envios.

Riokai expunha no Salão de Outono, Tuilleries e Independentes, obtendo sucesso e boa colocação, mencionado nos jornais de arte. Com Riokai conheci a colônia japonesa em Paris: eram sociáveis e amáveis, tive uma vida mais interessante e minha solidão povoada.

Em 1930 o professor de Riokai veio visitar Paris, hospedando-se no Hotel des Reservoirs em Versailles, antiga morada da Marquesa de Pompadour. Um homem distinto e de grande fama no Japão, fomos convidados por ele a passar um dia em Ville d'Avray, lugar lindo, cujo lago e floresta foram eternizados por Corot. O professor Okada tinha sempre uma escolta de amigos e pintores; nesse dia éramos um grupo, onde cada um pintou; eu fiz um bom estudo, a entrada da floresta, que até hoje guardo. De todos os pintores que o rodeavam, era a Riokai que ele dava preferência e o convidou para uma longa viagem no Oriente Médio – foram à Grécia, Constantinopla e voltaram pela Itália trazendo belos cadernos de croquis, feitos a pena, das cidades em que passaram.

(p. 18-19)

[O casamento com Riokai]

(...) Em novembro de 1930, deixando meu coração com Riokai e a promessa de logo voltar, embarquei para o Brasil, levando minhas telas e muita esperança. Meu pai foi me buscar no Rio; (...) seu atelier era numa *garage* à rua Bento Freitas, que ele tinha mandado acomodar, ali estavam seus quadros grandes. *Aclamação de Amador Bueno* tomava toda uma parede e outros menores de gênero, a mobília Luiz XV e o tapete verde, que era o luxo da nossa casa da avenida Brigadeiro Luiz

Antonio estavam em mísero estado; (...) Tinha-se casado pela quarta vez e morava em outro bairro. Fui para uma pensão: não conheci sua última esposa.

(...) Conheci um dos amigos de meu pai, dr. Amaral e sua esposa dona Edith, gostavam muito de pintura e vinham sempre me visitar no atelier; eles me animavam pois eu estava bem desiludida. Pedro Alexandrino vinha a miúdo, gostava de conversar comigo sobre Paris e ver meus estudos feitos em Martigues e na Bretania; estava bem envelhecido, escuro, magro, ligeiramente mancando para trás, apreciava muito meus envios ao Salão dos Artistas Franceses de cunho impressionista, bem modulados, sem contorno. Ele muitas vezes me disse que eu devia ficar, pois o Brasil precisava de uma pintora de flores; depois falava de Paris como de um paraíso; lá, sim, é que se podia realizar, artisticamente. E com seu acento acaipirado, dizia: "Se Deus quiser, ainda hei de voltar..."

Meu pai continuava sempre muito atarefado com suas aulas no Ginásio do Estado, retratos e trabalhos para exposição; sua maneira tinha se modificado, pintava mais claro e não acabava tanto, mas sempre conservava aquela base de magistral desenho; eu sempre admirei a facilidade com que ele desenhava a figura, às vezes de cor e sem modelo. (...) Minha exposição foi feita na sede do Professorado Paulista – num prédio novo do Largo do Patriarca; a mentalidade já tinha mudado bem a respeito de exposições de pintura. A imprensa cada vez mais sovina em seus artigos não divulgava como antes; apenas algumas linhas para informar que a exposição estava aberta. (...)

A arte moderna dominava com muito cabotinismo, em São Paulo. A célebre Semana chegou com um atraso de trinta anos.

Eu só tinha um desejo, voltar a Paris. Riokai me escrevia que eu estava demorando demais. Finda a exposição, nada mais me prendia. Nesse mesmo ano meu pai me acompanhou até Santos, e ali no cais, me despedindo dele, o abracei para nunca mais tornar a vê-lo. Chovia a cântaros quando subi a escada do *Monte Olívia*, navio alemão de classe única.

(...) Era noite quando o trem parou na Gare de Lion. Em casa encontrei Riokai, que me esperava; foi uma alegria única, um abraçar sem fim. Nunca mais íamos nos separar... Já sabíamos quanto se sofria. Para Riokai, as notícias do Japão não eram boas, os meios de viver em Paris tinham acabado e ele precisava voltar; eu, pouco dinheiro trazia e se não fosse a alegria de nossos corações, teríamos sérios motivos de aflição. (...) Eu iria ao Japão só se lá tivesse um emprego, Riokai escreveu ao seu professor de liceu, sr. Osumi, pondo-o ao par de meus desejos; logo veio resposta, meu lugar já estava arranjado em Tokio, na grande casa Matsuzakayá, para desenhar modelos de moda ocidental, apresentar a moda, fazer cartazes.

Dia 3 de julho de 1933, podia-se ver um casal feliz saindo da Mairie do XIV distrito, eram Helena Pereira da Silva e Riokai Ohashi que acabavam de se casar. Minha irmã Margarida e o grande Mestre, mundialmente conhecido, Aman Jean, serviram de testemunhas. Depois de ter tomado em casa uma taça de champanha,

fomos para Versailles onde passamos a tarde pintando nos seus maravilhosos parques todos floridos; só voltamos quando as estrelas começaram a brilhar. A convite de nossa tia Achalme, passamos a lua-de-mel na casa dela em Bordeaux. Na volta um trabalho louco nos esperava, encaixotar tudo: eu tinha belas porcelanas, objetos de arte, um piano Gaveau; fizemos o sacrifício de viajar de terceira classe para poder transportar essa dispendiosa bagagem, além dos grandes caixotes com os quadros de Riokai e os meus, os livros, uma cômoda Luiz XIV. Parecia que se arrancava uma árvore, cheia de profundas raízes. Fazia treze anos que eu morava nesse apartamento. Foi triste sairmos de Paris. Riokai adorava esta cidade, íamos enfrentar uma nova vida num país totalmente estranho, para mim seria duro, principalmente a língua, tão difícil e tão diferente, mas como diz um provérbio antigo, o amor transpõe montanhas... Riokai foi a grande paixão de minha vida, amei-o com ternura, tínhamos muita afinidade espiritual e de gostos, sempre acreditei que ele tivesse os mesmos sentimentos por mim; fez ele também sacrifícios para me esposar.

(p. 19-21)

[No Japão]

Pelo *Kashima-Maru* chegamos a Yokohama nos fins de setembro de 1933. Éramos dois pintores ainda em lua-de-mel, muito amigos e confiantes num futuro acolhedor. Era a primeira vez que eu ia conhecer esse Oriente tão sonhado; estava feliz e contente ao lado de Riokai, meu marido. Apesar de não falar a língua, percebi logo que as pessoas eram amáveis e se esforçavam por me compreender com gestos e sorrisos. Nos primeiros dias de nossa chegada a Tokio, nos hospedamos na casa de um amigo de Riokai, o sr. Kumagai, alto funcionário, que tinha acabado de construir num subúrbio da cidade uma bela casa tipicamente japonesa. Logo na entrada, *guenkan*, tirei os sapatos pela primeira vez para pisar nos alvos *tatamis* de palhinha nova. Parecia que eu entrava num estojo. As madeiras bem trabalhadas, perfumadas, sem pinturas, com suas colunas de tronco de cerejeira, metade embutidas na parede; grandes salas, divididas por tabiques de correr, em alvo papel decorado com discretos filetes em ouro, e moldura de laca preta; tudo numa austera simplicidade; ausência de mobília; só uma mesinha de laca com um vaso no *tokonoma*, lugar de honra. Um antigo e fino *kakemono*, pintura japonesa, mudada em cada estação do ano.

Tinha, nos primeiros dias em que acordava nesse cenário, estranha sensação de me achar nesse ambiente encantador. Ficamos poucos dias na casa desse amigo e logo fomos morar num sobradinho de boa aparência em Assagaya, subúrbio de Tokio. Lá todas as residências ficam longe do centro. Andava-se quase meia hora para chegar a uma estação de trens. As primeiras visitas foram para o sr. Okada,

mestre de renome no Japão, professor de Riokai, que eu tinha conhecido em Paris, em 1930. Ele morava numa bela casa, com vasto atelier ao lado, um grande jardim com as roseiras sempre em flor. Seu atelier era o centro de reunião de seus amigos e colegas. O sr. S. Okada tinha sido o primeiro pintor japonês a estudar arte ocidental em Paris. Foi um aluno de Corin, pintor de fama naquele tempo. O prof. Okada possuía uma bela técnica fina e discreto colorido. (...)

Três meses depois, comecei a trabalhar na seção de modas ocidentais no grande *magazin* de Matsuzakayá, fazendo desenhos de modelos, cartazes, etc. Meu sofrimento era cotidiano por não compreender, e [não] poder falar a língua. Poucos entendiam o francês. A maioria falava o inglês, língua corrente no Oriente, o que me dificultava tudo, não sabendo esse idioma que jamais consegui aprender.

(...)

Riokai fez a sua primeira exposição na Guinza, durante o inverno de 1933-34; foi muito apreciada. Todas suas belas telas, ruas de Paris, foram expostas mas o movimento da arte pictórica no Japão estava todo voltado para a arte moderna. No *salon* oficial eram aceitos e tinham sucessos os que mais criavam monstros; também uma liga surda contra os que tinham ido à Europa estudar, inveja ou nacionalismo excessivo. Expus no *Salon* do mestre Okada as telas que eu tinha enviado ao *Salon* de Paris des Artistes Français em 1933 – esses trabalhos foram premiados.

O frio fazia-se sentir cada vez mais rijo, acompanhado de um vento gelado e furioso. (...) Passamos o *Christmas* no Imperial Hotel – Salões em estilo inglês. Uma festa fria e rígida. (...)

A neve foi sumindo para dar lugar aos prelúdios da primavera; nunca pensei que fosse tão bela, tão radiosa. Foi num êxtase que vi as cerejeiras em flor; fico imensamente grata ao Japão por me ter dado essa emoção de beleza para minha arte, para minha vida. Amor também seria o presente raro e maravilhoso do Japão... Começamos a sair com nossas caixas de pintar fora. O parque Inogashira não ficava longe de casa, fomos nos dias ermos da semana fazer longas passeatas pelos atalhos, à beira do grande lago, onde as cerejeiras em flor se espelhavam. Nesse deslumbrante cenário, podia-se ver dois namorados, eram Helena e Riokai... Mais se penetrava pelos estreitos caminhos, mais densos eram os arvoredos floridos – era tão delicada a visão que apenas se sentia a brisa perfumada desse paraíso em rosa; floria em conjunto, saudando a primavera.

Esse ano de 1934 foi bem indeciso para nós; eu estava começando no Matsuzakayá; executava os modelos com meus desenhos mas ainda não tinha a certeza de ficar. A vida era cara em Tokio: aluguel, condução, presentes, outra coisa que tive de conhecer, que aflige os japoneses e que lhes tira uma boa parte da receita que têm para viver – gasta-se muito para os *omiagues*. Outra coisa curiosa era quando se convidava uns amigos para jantar, tinha-se a obrigação de mandar reconduzi-los de táxi a suas casas, às vezes longe de um subúrbio a outro.

Fomos ver as maravilhas dos templos célebres. A convite de uma amiga, Matcha, passamos um dia esplêndido, visitando e pintando Kamakurá – paramos muito tempo diante do grande Buda em bronze, sentado sobre uma flor de lótus, de rosto belo e impassível, o olhar perdido no vasto horizonte... (...)

Quando queríamos europeizar nossos passeios, fomos à Guinza, comprido *boulevard*, onde o comércio era feito à maneira ocidental, belas e grandes vitrines mostrando artigos estrangeiros, cafés, casas de chá, com doces à maneira francesa. (...) Essa longa avenida ia dar num lugar de altas muralhas rodeadas de água e ponte pênsil. Atrás desses possantes muros de pedra ficava a residência imperial. O Imperador Hirohito nunca se mostrava a seu povo e este nunca pronunciava seu augusto nome, tido como de origem divina. Nas ruas viam-se pouquíssimas mulheres de roupas ocidentais; a generalidade andava de quimono com cores e estampados segundo a idade; só as colegiais vestiam uniformes, até as Faculdades. Muito me divertia ver os estudantes com longas capas pretas, uniformes pretos, com uma fileira de botões de metal como a polícia, *guetá* (sapato de madeira) nos pés, casquetes ou bonés de três bicos, alguns sujíssimos, com o tecido a se desfazer. A princípio eu me apiedava mas depois soube que era uma honra arvorar um desses bonés, significava os mais estudiosos, os mais inteligentes e capazes.

O que me magoava era ser muito notada – para onde eu ia na rua, havia gente que parava para me ver, passavam-me verdadeira revista no traje e depois me fixavam nos olhos como se fosse uma curiosidade; mesmo no centro da cidade, era raro ver-se um estrangeiro; os poucos que havia habitavam Yokohama. Riokai tinha-me dito que não procurasse relações com eles; eu concordei, visto que considerava minhas felicidades nas mãos de meu marido. Por esse motivo penetrei na vida e nos costumes tradicionais japoneses, alguns muito lindos, delicados, curiosos, bem diferentes dos nossos. Amoldei-me a muita coisa, dormir no chão, sem cama, ficar por muito tempo ajoelhada na almofada, em vez de sentada numa cadeira, me acostumar ao paladar das comidas, e apreciar os intermináveis cumprimentos.

Uma curiosidade para mim foi ver as mulheres, na generalidade, carregar os filhos nas costas; as irmãs mais velhas também carregam os irmãozinhos da mesma maneira. Com uma espécie de écharpe, cruzando na frente, ficam assim com os braços livres. No inverno vestem *haori*, mais curto que quimono, por cima da criança, que se ajeita ficando só com a cabecinha de fora; as mães enfiam as mangas e parecem estar com uma enorme bossa. Achei os quimonos um encanto mas só nas moças, um traje dispendioso, principalmente as cintas (*obi*). Estampados de fino gosto artístico, tecidos de preço, combinações de cores estranhas para nosso gosto. Achei as japonesas muito femininas, frágeis, delicadas, vivendo exclusivamente para a família. Os homens gozando de liberdade fora de casa mas apesar da falta de independência da mulher, notei que em quase todos os ramos, artes, ciências, altos estudos, havia mulheres. Os japoneses fazem muita questão da instrução. Todas as

mocinhas freqüentavam o ginásio até aos vinte anos para se casarem pouco tempo depois. A escolha do marido era ainda feita por intermédio da família, a interessada não podendo preferir livremente.

O calor estava se fazendo sentir depois de copiosas chuvas que duraram um mês; os dias quentes de julho iam torrar os lindos e ternos verdes. O irmão e a família de Riokai, que moravam em Formosa (Taiwan), vieram passear em Tokio e me conheceram; como era novidade para eles, estavam felizes pensando que estávamos vivendo em mar de ouro. Havia japoneses casados com estrangeiras, a crítica era severa para esses casais – geralmente eram francesas ex-modelos ou alemãs ex-garçonetes de restaurantes que, pensando subir de classe social, tinham vindo para o Oriente mas algum tempo depois estavam se divorciando. (...)

Setembro. Já fazia um ano que estávamos em Tokio, a luz já ia se transformando, anunciando o outono. Saímos uma manhã muito cedo para ir a Nikko visitar o majestoso templo todo branco e ouro, bem diferente dos outros que já tinha visto. Nikko, glória do passado, pela sua riqueza e magnificência de sua arquitetura e seus famosos olmeiros centenários, que vão em fila pela longa estrada. O outono dourava a paisagem, e as folhas secas iam colorindo o chão de ouro e púrpura nessa orgia de cores, antes de cair na rigidez da morte... Riokai ia me explicando a história do tempo dos *Shoguns*, esses grandes senhores que dominaram o Japão por séculos. Foi esse dia uma bela recordação de minha vida. Na volta, como era longe de Tokio, fomos jantar em Assakussá, reputado pelo seu centro popular e seu movimento incrível de suas estreitas artérias. Hotéis, restaurantes, cinemas, casas de gueixas. Uma das coisas pitorescas eram os pequenos restaurantes, com uma enorme lanterna na porta indicando sua especialidade, suas cortinas na porta, cortadas em tiras e as serventes que ficavam na porta quando não havia fregueses. Foi em Assakussá que o terremoto de 1922 destruiu em massa casas e habitantes. O templo que se ergue numa pracinha, dedicado à deusa Kannon, foi, ao que contaram, rebocado com as cinzas dos mortos do terrível sismo que durou muitos dias.

(p. 23-25)

[Mudanças]

Tivemos a notícia que Matsuzakayá ia me transferir definitivamente para Osaka – tinham reformado a Matsuzakayá dessa cidade no mais moderno estilo. Foram eles que se encarregaram de fazer nossa mudança. Em dezembro de 1934, já estávamos instalados numa boa pensão perto do centro. Fui apresentada ao dono sr. Itô e aos diretores srs. Tsukamoto, Hattori, Shimura e outros. De fato era Matsuzakayá uma importante casa com elevadores dos mais modernos, calçadas e escadas rolantes, grandes salões para exposição de arte, sala para concertos com belo piano de cauda, coleções de quimonos raros, grande restaurante com piscina

no oitavo andar e parque de diversões; havia lá um minúsculo santuário com um deus protetor do comércio, "Oinari" (uma raposa); pedia-se a ele como devia-se fazer para ganhar... No subsolo, tudo o que eram comestíveis, encontravam-se produtos estrangeiros e dos melhores.

Fomos logo convidados para fazer exposição de nossos quadros numa das melhores salas. Era uma época em que estavam em voga as bonecas francesas; fiz uma bela coleção delas, que expus, quase todas da época Luiz XV – mandava vir de Paris todos os materiais, as marquesas tinham cabeleiras brancas, amplas saias em seda Pompadour ou de lindos brocados de cores suaves e todas as minhas telas de Paris. Foi um sucesso de arte e de venda. Percebi que no Japão as pessoas não vinham só para ver e criticar, muitos eram compradores de poucos meios, querendo ter um quadrinho de arte em casa. Logo em seguida, Riokai fez exposição de suas telas em Paris; também obteve grande êxito. Todos os anos expúnhamos, juntos ou separados. Em Nagoya, onde havia outra grande sucursal, às vezes me convidavam para ir apresentar a moda.

Fizemos nessa cidade várias exposições. Nagoya possui um maravilhosos castelo, construído sobre altas e imponentes muralhas. Podia-se ver sob o seu telhado um enorme peixe cujas escamas eram de ouro maciço; fazia a admiração dos turistas; esse peixe era protegido por uma possante rede. Riokai pintou esse castelo, fez telas incomparáveis, que ficaram no Japão e no estrangeiro. Durante a guerra, o castelo, essa assombrosa obra de arte do passado, foi destruído pelos incêndios e bombas do inimigo.

Desde 1º de janeiro de 1935 fomos habitar Ashiá, rua Sanjô Gotanda, lugar pitoresco entre Ossaka e Kobe, afamado pelos seus milionários, que habitavam as montanhas em ricos bangalôs adornados de grandes jardins e cedros verdes estendendo seus galhos em forma de pára-sol; dali de cima via-se o mar, que era perto, e Kobe mais adiante, lugar lindo para excursões e para veranejar. Habitávamos um bonito sobradinho com jardim à roda, havia várias árvores entre as quais uma de grosso tronco prateado, cânfora, em japonês *shono*, tão útil na medicina; depois da chuva sentia-se seu forte odor.

(...)

(...) Todos os anos íamos fazer excursões longe, voltávamos no dia seguinte; Yoshino foi uma das primitivas capitais do Japão, conservando ainda a atmosfera do passado; (...). Estava no centro dessa antiga e curiosa cidade, uma estreita rua calçada de grossas pedras; (...) essa rua levava a gente a uma enorme porta toda de laca vermelha, telhado de pontas recurvadas; subia-se por uma alta e empinada escada de pedra para entrar nessa solene porta guardada por dois diabos de pedra, de carrancas ameaçadoras. Diziam os antigos que era para afugentar os maus espíritos e proteger o deus puro e inocente que estava no templo além da porta. Riokai celebrou esses sítios e essa porta dos deuses numa tela que foi reproduzida em cartão postal, em cores. (...)

Riokai gostava do movimento moderno em arte, mas equilibrado, e eu, que era adepta da arte clássica de meu pai e continuando em Paris a pintura cheia de regras e restrições, ia deixando para trás o que eu já tinha feito; procurando me expandir numa visão mais livre para dar curso à minha personalidade, fiz estudos mais vibrantes, mais simples, flores, paisagens, a espátula procurando fugir do banal do "mil vezes feito"; via quanto era difícil essa arte que se sente e que some quando se quer fixá-la... Riokai era meu conselheiro e eu tinha fé no seu parecer sincero, sempre me dizia para fazer como ele pura arte e não produzir pintura para leigos; gostávamos de apreciar nossos trabalhos depois de feitos.

(p. 25-27)

[Costumes japoneses].

Primeiro de janeiro, tem-se muitas obrigações nessa época. Os japoneses ficam afobadíssimos nos últimos dias de dezembro – limpa-se a casa toda, sobre a porta de entrada colocam um crustáceo, espetado num *moti* (pão de arroz), uma laranja, enfeitam com folhas de samambaia. Chama-se *shimenawa de oshôgatsu*; todas as portas amanhecem no dia 1º com essa decoração e a bandeira branca com o sol nascente flutuando. Por dentro da entrada também põe-se um grande par de *moti* com um grande camarão cozido bem vermelho por cima, adornado de folhas de samambaia, fazem comida para alguns dias pois só se cuida de receber cumprimentos e ir retribuir. Fora só se vêem homens de fraque, apressados a irem cumprimentar os amigos; a educação manda que se deve tirar todo agasalho, sobretudo, cachênê, etc; é um não acabar mais de felicitações; se se encontrar um amigo na rua, a mesma coisa se faz, sendo um frio de rachar. O comércio fecha por três dias, mas a verdade é que a festa dura o mês inteiro. Nesse dia importante do ano novo eu trajava um quimono de seda preta todo estampado, de forro vermelho, mandava arrumar o laço atrás; Riokai punha fraque e gravata preta; ficávamos por dentro da entrada, esperando os visitantes e oferecendo saquê em minúsculas taças.

(...)

Como achei interessante muitos costumes do Japão! No inverno, homens, mulheres e crianças usam uma espécie de bico de veludo preto sobre a boca e nariz, amarrado às orelhas; pensam que assim se livram dos resfriados, não respirando o ar gelado. Os homens, no inverno, os que são mais elegantes usam umas longas capas com sobrecapa de *drap* preto e uma minguada gola de pele de foca (é exatamente o que usavam os *cochers de fiacres*, cocheiros que conduziam carros em Paris nos princípios do século), muitos com o clássico chapéu de coco e *guetás* (sapatos de madeira) nos pés, presos só no dedão; ficam monumentais com esse severo traje. Coisa curiosa é a festa dos meninos – começa no dia 5 de maio; toda família que tem filhos varões ergue à entrada de sua casa um comprido mastro; flutuando como bandeiras, enormes peixes feitos de morim, alguns vermelhos com

escamas pintadas em branco, outros brancos com escamas vermelhas, olhos de ouro; se tiver um filho, é um peixe; quantos filhos tem, tantos peixes são, todos amarrados em mastro pela boca, que vai enchendo o peixe de ar, dando-lhe vida e movimento; ao menor vento, parece que estão nadando no ar; alguns compridos de cinco metros. Gostava de ver pela porteira do trem ou do ônibus a quantidade de peixes nadando ao ar livre.

Momo no Sekku é a festa das meninas – começa no dia três de março. Na melhor sala da casa ergue-se uma espécie de altar que vai do chão até o forro, como uma escada coberta de pano vermelho; no centro, dois personagens representando o Imperador e a Imperatriz; todas as bonecas são expostas, inclusive as que pertenceram às avós e tataravós da família, brinquedos de valor; convidam os amigos nessa sala toda adornada, oferecem saquê nas pequeníssimas taças com açúcar cristalizada, doces bonitos para se ver, de diversas cores, com formas de flores de ameixeira, cerejeira. As meninas da família aparecem com ricos quimonos, vermelhos, vivos, cabelo cortado em franjas sobre a testa, o cinto atrás se laça em forma de borboleta; são lindas como ricas bonecas, as meninas vestidas assim, dançam – há sempre alguma avó que toca *shamisse* e canta. No Japão os velhos são tratados com muito acato e carinho na família, sabe quantidades de etiquetas que vão transmitindo a seus descendentes.

As artes tradicionais são muito apreciadas, muitas se aprendem durante anos, como o arranjo das flores, a escrita, escrever-se com o pincel a nanquim os belos e artísticos caracteres chineses; a dança, que sempre achei um encanto, aprende-se desde criança. Os japoneses querem sempre aprender alguma coisa, mesmo depois de velhos; há sociedade para a célebre cerimônia do chá, que é um verdadeiro culto.

A festa que eu tinha prazer de ver era *Omatsuri*: cada templo a faz uma vez por ano em épocas diferentes. Sai um pesadíssimo andor (*omikoshi*), todo dourado, contendo a divindade; sobre o teto, no centro, paira um galo de ouro; o andor passeia pelas ruas do bairro carregado pelos rapazes do povo com grandes preces e cantos; uma multidão acompanha essa procissão. Todo japonês é *shintaista*, culto dos antepassados desde a fundação do Japão; também a maioria é budista, não importa ter duas religiões. Quando chegam os meados de julho, dia 13, os japoneses ficam atarefados, agitados: é a grande festa anual, o dia dos mortos (*obon*). Nas cidades dura três dias e na roça, um mês ou mais; no Japão nunca se sabe ao certo quando termina essa festa; longe de ser triste, são dias alegres. Dizem que os espíritos dos falecidos visitam suas famílias e se estiverem pesarosos e acabrunhados, eles sofrem... No pequeno santuário que tem cada família, oferecem flores e alimentos, incenso. Na roça, dançam, fazem casamentos, banquetes, grandes festas; todo japonês está contente quando chega essa época. Lá quase não há cemitérios, incineram-se os mortos (...).

Os japoneses gostam dos animais e os tratam bem; interessante ver as juntas de bois puxando o carro, todos calçados com sandálias de palha para não ferir os

pés; também em julho e agosto, no mais forte do calor, os animais que puxam carroça, burros, cavalos, usam chapéu de palha, e uma tolda que vai da nuca ao rabo, bem fixada no centro, lhes dá uma aparência de cavalos alados; coitados mas presos, ali nos freios... Tudo isso se via no Kokudô, pertinho de casa.

(p. 27-28)

[Helena e Riokai no Brasil]

Chegamos numa noite de chuvinha fina e pertinaz. Vieram ao nosso encontro o sr. Hassegawa, presidente da Associação Nipo-Brasileira, alguns membros da Embaixada, escritores e jornalistas, Alexandre Konder, repórteres dos principais jornais do Rio, fotógrafos. Já tinham notícias pelo *Gaimushô* de Tokio da nossa vinda e de nos dar o máximo de apoio. Arranjar local para fazer a exposição foi um sério problema. O melhor era o Palace Hotel mas já estava tomado por mais de um ano. Foi preciso a influência do embaixador sr. Kudo para conseguirmos fazer a exposição em novembro no Palace. Foi um sucesso – no dia do *vernissage* estavam presentes o embaixador e sra.; no centro da sala uma maravilhosa cesta de flores, onde pendiam fitas com as cores japonesas, presente do embaixador. Intelectuais, jornalistas, artistas, pintores conhecidos e a melhor sociedade do Rio. Mas o que me encheu de intensa alegria foi rever uma querida e predileta amiga, que havia conhecido, Maria Paula, há tantos anos, uma grande artista que sempre admirei; o tempo nada tinha alterado de sua beleza e de sua amizade.

Foram muito apreciados os trabalhos de Riokai feitos em Paris e os castelos do Japão; a sua grande tela do Castelo de Himeji foi adquirida para a Embaixada. Meus quadros também tiveram muito êxito; as telas que tinha exposto em Paris e as cerejeiras do Japão; o sr. Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, adquiriu em nome do governo para a galeria do museu, um trabalho de Riokai, *Velho porto de Akashi* e um trabalho meu, *Pivoines*. Estávamos nos orientando para vir a São Paulo, onde grandes dificuldades nos esperavam. Não havia sala para expor. Alugamos por excessivo preço uma imensa sala do prédio Ita, na rua Barão de Itapetininga. Riokai teve que arrumar, mandar fazer repartições com cavaletes, forrar de lona as paredes, pôr luz elétrica com grandes lâmpadas pois esse local estava sujo e escuro – tivemos grandes despesas. Eu conhecia muitos pintores e amigos de antes mas nenhum veio ao nosso encontro. Fiz uma conferência sobre minha estada no Japão e toquei algumas músicas de Kobune, compositor moderno do Japão, na melhor rádio de São Paulo, a Rádio Cruzeiro do Sul. A conselho de amigo oferecemos no dia da inauguração um coquetel com a presença do cônsul-geral do Japão sr. Narusse e dos funcionários do consulado; ficou repleto de visitantes. Artistas, jornalistas, pintores vieram para comer doces, as senhoras para

mostrar os vestidos e saírem fotografadas nas revistas, podendo também se expandir, criticando os trabalhos.

Terminada a exposição em fins de 1940, fomos passar o primeiro de janeiro e mais dias em Registro, colônia japonesa para a cultura do arbusto do chá. Ali Riokai iniciou uma série de estudos, pintados a óleo sobre papelão, permitindo esse achado fazer com mais rapidez e belo colorido paisagens e ruas do Brasil. Eu o acompanhava sempre e passava o tempo pintando. Voltando a São Paulo ele foi com alguns amigos fazer uma viagem pelo Nordeste, expondo em várias cidades do interior onde a colônia japonesa o acolheu com carinho. Eu fiquei em São Paulo: estava cansada e precisava me tratar. Ficamos em São Paulo até meados de abril, indo às vezes a Santos, que Riokai gostava de pintar e à noite ir ao Cassino ver sumir magicamente sobre o pano verde sornas fabulosas.

O tempo que ficamos em São Paulo foi empregado em pintar fora, ruas, parques, enfrentando os transeuntes embasbacados; muitas vezes nos rodeavam tapando nossa vista mas o que mais gostávamos era pintar lá de cima da janela dos arranha-céus – com vistas amplas e magníficas e onde ficávamos livres da curiosidade alheia.

(...)

(...) Riokai fez por essa ocasião, a pedido do sr. A. Konder, a capa do livro *A imagem de bronze* de Nagayo, que estava editando na Pongetti, a tradução em português de Konder. História dos primeiros cristãos no Japão. Riokai fez uma belíssima capa representando a heroína do romance com a medalha de bronze na mão.
(p. 33-34)

[A morte de Riokai]

1943 apareceu sombrio e triste, promissor para nós das mais cruéis calamidades; a única alegria que tive nesse funesto ano foi a do dia 1º de junho no Instituto Franco-Japonês de Kyoto, um recital só de músicas de clavecinistas franceses do século XVIII. Depois de jantarmos a convite do diretor do Instituto, sr. Marcel Robert, desci à sala de concertos onde havia um soberbo piano Erard. Fui muito aplaudida pelo auditório, que era composto quase só de estudantes. Quando voltamos para casa, Riokai, me beijando, disse: “você não sabe quanta alegria me deu você ao tocar ontem à noite”. Tirou várias fotos, com o grande buquê de rosas que recebi.

Daí em diante minha vida ia para um triste destino. O último dia do calendário ia me levar meu grande e incomparável amigo, o meu grande amor... Nos meados de julho começou ele a ter estranhos distúrbios que se localizavam na cabeça, nos olhos, via manchas vermelhas e [sofria] permanente dor de cabeça; logo vieram outras perturbações cada vez mais graves. Em setembro fomos passar uns dias em Árima, lugar de altas montanhas com fontes de água fervendo; parecia que tudo concordava com a nossa angústia, quando senti uma espécie de trovoada e em

seguida fortes tremores e violentas sacudidas. Compreendi que era um terremoto – nosso quarto dava para profundos abismos; Riokai estava deitado e eu petrificada pelo medo; minhas mãos pareciam garras que se tinham grudado nele. Tão calmo, ele me dizia “vai passar, vai passar”... Pensava ele melhorar com esses banhos mas qual, dali voltou pior. Os médicos não atinavam com a doença mas quando tiraram as chapas da cabeça, a terrível moléstia se revelou, tumor maligno no cérebro. Eu não sabia que existia no mundo doença tão medonha. Em outubro ele foi internado no hospital da Universidade de Osaka. Foram três meses de cruciantes sofrimentos, para ele e para mim. Eu tinha uma amiga desde que cheguei ao Japão, Natsuko Ueno, que não me largou na desgraça. Ficou me ajudando, compreensiva, falava à minha cunhada Hyoko-san que não me fizesse sofrer ainda mais com suas impertinências. Devo muito a esta querida amiga; ficou para sempre na minha gratidão. Não havia recursos, remédios, médicos, nem mesmo alimentos nesse hospital; tudo estava voltado para a guerra.

Dia 31 de dezembro a morte o levou. Eu fiquei muda, atônita, não compreendendo nada, de tanto sofrimento inútil. Fiquei ali na casa triste e vazia vendo-o por todos os lugares e ouvindo sua voz me chamando do jardim...

(...)

A guerra persistia cada vez mais feroz. Passados alguns dias fomos levar as cinzas de Riokai a Hikone, no templo em que ele conhecia o bonzo. No Japão existe um costume que sempre achei horrível: depois da incineração repartem as cinzas do morto entre os membros da família que as depositam dentro de um saquinho no oratório da casa e o restante atiram num templo comum em Kyoto. Empenhei-me para que o guardassem inteiro em Hikone, as cinzas de Riokai, pois sempre tive horror a essas coisas fúnebres e para tratar disso imenso foi meu sacrifício.

(...)

Ia-se ficando cada dia mais pobre e miserável. Ração só tinha o nome, já não davam mais nada e cada um que se arranjasse para não morrer de fome.

Conhecia uma senhora, cujo marido tinha trabalhado no escritório de uma companhia em São Paulo. Apiedou-se de mim e, às vezes, ia eu à sua casa para ver se o *hiakucho* (camponês) havia trazido alguma coisa. Às vezes vinham verduras, nabos, couves, batatas e, quando se tinha muita sorte, também ovos. Levava ele essas coisas numa mala de roupas e de madrugada, para disfarçar. A boa amiga dividia comigo algumas verduras, entretanto para eu chegar à sua casa era um não acabar de perigos. Tomava um trem na linha de Hankin, o qual vinha repleto. Era preciso entrar de gatinhas por entre as pernas dos passageiros! Estava eu protegida por um capuz e uma capa acolchoada, a fim de atenuar os estilhaços em caso de bombardeio. Levava numa sacola presa às costas os meus documentos, jóias e remédios, pois não sabia se ao voltar encontraria minha casa no lugar.

(...)

Será que Riokai tivera o horrível pressentimento de seu próximo fim? No triste ano de 1943, ele que nunca havia feito nenhum auto-retrato, fez diversos a óleo, desenhos a sépia onde se representava com uma expressão atormentada. Outra coisa inédita, eu sempre detestei seguros de vida, o governo estava fazendo propaganda para que todos fizessem. Não queria que Riokai aderisse. Um dia bateram à porta e ele atendeu; um empregado da companhia de seguros disse-me depois que ele o fizera em meu nome. Fiquei triste...

(...)

Tanuki! foi a última alegria que dei a Riokai, quando ele voltou do hospital em vinte de dezembro de 1943. Como ele gostava muito de cachorro, fui a Kobe e ainda encontrei uma casa que vendia animais, ninguém queria, como nutri-los? Comprei um cachorrinho de pura raça japonesa *Nihon-ken*, lindo, cor de pão torrado, orelhas triangulares e tesas, focinho preto. Custei a trazer esse bicho no trem, comprimido e de pé, mas Riokai ficou tão contente que compensou, e meu cunhado Hideo a dizer que eu estava louca em trazer esse cão. Coitado, sofreu horrores durante a guerra, conheceu os tormentos da fome! Até roupas, toalhas, meias, papéis, tudo sumia e depois era encontrado nos excrementos. Ficou só com a pele nos ossos, esquelético, e por algum tempo foi preciso escondê-lo pois quem possuía animais precisava dá-los ao governo, suas peles eram utilizadas para agasalhos dos soldados.

(...)

Dia quinze de agosto veio pôr um termo a essa devastação de cidades e vidas. O Armistício! A paz incondicional.

Ao meio-dia falou o imperador Hirohito. Parece que ninguém compreendeu, tão ruim estava o aparelho. Ninguém acreditava, grupos de homens e mulheres andavam pelas ruas em ruínas chorando e dizendo: "perdemos a guerra! Ainda ontem afirmavam que todos nossos sacrifícios iam ser compensados pela vitória. Enganaram-nos!" Mas todos estavam tão cansados que nem se podia crer nessa tão grande sorte de não ter mais os cruéis bombardeios. Ficava-se dormindo o dia todo, não se podia crer na delícia de não ser metralhado.

(p. 38-41)

[Campinas]

A rua que habito é deserta e erma; raros são os transeuntes; o que dá mais vida são os gritos e clamores dos moleques que a certas horas andam pela rua Capitão Francisco de Paula.

(...)

Meus pensamentos e minha arte são minha fortaleza. Ainda pintei meu auto-retrato (como me vejo), não só por fora, mas o espírito que me anima; dália

vermelhas, descobri novos movimentos nas flores e nas folhas. Isso sim, ainda me dá apego à vida.

Gosto de escrever (alguma coisa) de tudo quanto ferve e me comprime de revolta, no meu espírito curioso e refratário ao rebanho em que vivo. Os componentes dessa massa só dão valor ao dinheiro. Tem carro? De luxo? Viaja aos Estados Unidos? Tem vasto bangalô com criados? É o que faz a nobreza dessa casta inculta e materialista.

Para essa gente, sou uma mulher de idade indefinida, alta, magra, viúva, de óculos escuros, que mora só com seu gato, às vezes se encontra na rua quando se vai às compras.

As mulheres, minhas vizinhas, com as quais raramente falo, não têm o mínimo cultivo, são mães de família que nem mesmo tempo para ver histórias em quadrinhos têm. A casa, os filhos, a religião, os vestidos e penteados, doenças, etc, tomam todo o seu tempo.

Eu me retraio cada vez mais no divino refúgio, que para mim é fora do tempo e que sempre adoro: a Arte!

Helena Pereira da Silva Ohashi

15 de dezembro de 1965

Fim